

ESTÁGIO DE FRANCÊS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CONTRACOLONIAL

FRENCH INTERNSHIP FROM A COUNTER-COLONIAL PERSPECTIVE

STAGE DE FRANÇAIS D'UNE PERSPECTIVE CONTRE-COLONIALE

YGOR GOHAN (UFMG)¹

Resumo:

O presente trabalho analisa as experiências vivenciadas ao longo da disciplina Análise da Prática e Estágio de Francês II, realizada em 2025, no curso de Letras Português–Francês da UFMG. O principal objetivo é examinar o ensino de francês por meio de uma abordagem contracolonial, valorizando o Sul global e compreendendo como a sensibilização à língua francesa pode ser desenvolvida em contextos escolares brasileiros. Para isso, o estudo parte das demandas do ensino de línguas na educação básica, da marginalização do francês no currículo e da necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com questões étnico-raciais e decoloniais. O quadro teórico fundamenta-se nas noções de colonialidade do saber (Quijano, 2005) e de decolonialidade (Matos, 2020), compreendidas como formas de confrontar o eurocentrismo na educação linguística. Além disso, mobiliza-se o conceito de *contracolonialismo* de Nêgo Bispo (2023), que entende a língua como um espaço de disputa e ressignificação, bem como as discussões de Ndiaye (2014) acerca da francofonia como continuidade dos projetos coloniais. O trabalho também adota o termo *Francês Língua Adicional (FLA)*, conforme Ramos (2015), para evitar sentidos exóticos associados à noção de língua estrangeira. Metodologicamente, o estudo descreve a preparação e execução de uma oficina de sensibilização ao francês destinada a estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual de Belo Horizonte. A prática pedagógica se deu por meio de conteúdos linguísticos básicos articulados a materiais culturais de países e regiões do Sul global. A análise acompanha desafios institucionais, respostas dos estudantes e a incorporação de perspectivas críticas sobre língua, cultura e colonialidade.

Palavras-chave: Estágio de Francês; Contracolonial; Sul Global; África Francófona; Educação Brasileira.

Abstract:

¹ Ygor Gohan é licenciando em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Minas Gerais. No âmbito acadêmico, pesquisa o ensino da língua francesa por meio da valorização da francofonia com enfoque no Sul global, onde já promoveu encontros de conversação no idioma e apresentação de trabalhos a partir da temática. É professor de francês no Centro de Extensão da Faculdade de Letras - UFMG e professor de PLAc no projeto Pró-Imigrantes. Além disso, é artista de Belo Horizonte, formado no Curso Técnico em Dança do CEFART. Hoje, coordena o coletivo Narrativas e poéticas negras, onde já dirigiu e coreografou a videoperformance *Latitude-zero* e o espetáculo *Meu Avô, Xangô*, e organizou o livro coletivo *Entre Gerais*. Faz parte do Instituto Cultural AbraPalavra na área de comunicação.

This work analyzes the experiences developed throughout the course *Analysis of Practice and French Teaching Internship II*, carried out in 2025 in the Portuguese–French Language and Literature program at UFMG. Its main objective is to examine the teaching of French through a counter-colonial approach, valuing the Global South and understanding how sensitization to the French language can be fostered in Brazilian school contexts. To this end, the study considers the demands of language teaching in basic education, the marginalization of French in the curriculum, and the need for pedagogical practices that engage with ethno-racial and decolonial issues. The theoretical framework is based on the notions of coloniality of knowledge (Quijano, 2005) and decoloniality (Matos, 2020), understood as ways of confronting Eurocentrism in language education. Additionally, it draws on Nêgo Bispo's (2023) concept of *counter-colonialism*, which views language as a space of dispute and re-signification, as well as on Ndiaye's (2014) discussions regarding Francophonie as a continuation of colonial projects. The work also adopts the term *French as an Additional Language (FLA)*, following Ramos (2015), in order to avoid the exotic connotations associated with the idea of a foreign language. Methodologically, the study describes the preparation and implementation of a French-language sensitization workshop offered to high-school students at a public school in Belo Horizonte. The pedagogical practice was developed through basic linguistic content articulated with cultural materials from countries and regions of the Global South. The analysis examines institutional challenges, student responses, and the incorporation of critical perspectives on language, culture, and coloniality.

Keywords: French Language Internship; Countercolonial; Global South; Francophone Africa; Brazilian Education.

Résumé:

Le présent travail analyse les expériences vécues au long de la discipline Analyse de la Pratique et Stage de Français II, réalisée en 2025 dans le cadre du cursus Lettres Portugais–Français de l'UFMG. L'objectif principal est d'examiner l'enseignement du français à partir d'une approche contracoloniale, en valorisant le Sud global et en comprenant comment la sensibilisation à la langue française peut être développée dans des contextes scolaires brésiliens. Pour cela, l'étude part des exigences de l'enseignement des langues dans l'éducation de base, de la marginalisation du français dans le curriculum et de la nécessité de pratiques pédagogiques qui dialoguent avec les questions ethno-raciales et décoloniales. Le cadre théorique s'appuie sur les notions de colonialité du savoir (Quijano, 2005) et de décolonialité (Matos, 2020), comprises comme des formes de confrontation de l'eurocentrisme dans l'éducation linguistique. De plus, le concept de contracolonialisme de Nêgo Bispo (2023) est mobilisé, lequel comprend la langue comme un espace de lutte et de resignification, ainsi que les discussions de Ndiaye (2014) sur la francophonie en tant que continuité des projets coloniaux. Le travail adopte également le terme Français Langue Additionnelle (FLA), selon Ramos (2015), afin d'éviter les sens exotiques associés à la notion de langue étrangère. Sur le plan méthodologique, l'étude décrit la préparation et l'exécution d'un atelier de sensibilisation au français destiné à des élèves du lycée d'une école publique de Belo Horizonte. La pratique pédagogique s'est développée à partir de contenus linguistiques de base articulés à des matériaux culturels provenant de pays et régions du Sud global. L'analyse prend en compte les défis institutionnels, les réponses des élèves et l'intégration de perspectives critiques sur la langue, la culture et la colonialité.

Mots-clés: Stage en langue française; Contracolonial; Sud global; Afrique francophone; Éducation brésilienne.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado ao longo da disciplina Análise da Prática e Estágio de Francês II, no segundo semestre de 2025, da licenciatura dupla em Letras Português-Francês da Universidade Federal de Minas Gerais. Ao longo do semestre, os discentes das disciplinas precisaram ministrar um ateliê de sensibilização à língua francesa em escolas da educação básica. Assim, optei por trabalhar a francofonia² através de uma perspectiva contracolonial em valorização ao Sul global³ para estudantes dos três anos do Ensino Médio de uma escola da rede estadual no centro de Belo Horizonte.

Dessa maneira, busquei atrelar a prática do ensino de francês aos textos teóricos e conteúdos da disciplina, criando relações que fortaleceram a preparação de materiais didáticos e as pesquisas. No decorrer do estágio, pude observar as seguintes problemáticas: o atual cenário do ensino de línguas na educação básica brasileira; o reconhecimento da francofonia no ensino de francês a partir de visões que abordem países e regiões do Sul global; e a escolha de um recorte metodológico e nomenclaturas que dialoguem com este estudo. Dito isso, o principal objetivo deste artigo é analisar as experiências de estágio de ensino de língua francesa através de noções contracoloniais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Enxergando a demanda de valorizar e reconhecer países e regiões do Sul global, me deparei com noções voltadas ao conceito de *colonialidade* enquanto uma consequência dos processos de colonialismo (Matos, 2020, p. 96). Assim, utilizo o termo *colonialidade do*

² Compreende-se o termo “francofonia” como o conjunto de pessoas, países e regiões que possuem a língua francesa como língua oficial, língua do cotidiano ou língua de trabalho/estudo. Este artigo não se dispõe a relacionar o termo à Organização Internacional da Francofonia (OIF). (Tétu, 1997)

³ “O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte).” (Santos; Meneses, 2010, p. 12-13)

saber que, segundo Quijano (2005, p. 122), está ligado ao “eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento.” Em enfrentamento, uso a ideia de decolonialidade, proposta por Matos (2020, p. 95), enquanto “um caminho para a promoção da educação linguística e literária que visibilize e estimule o protagonismo as diversas identidades não hegemônicas [...] suleando nossas práticas como professores e pesquisadores” por abordar uma perspectiva na área da Linguística Aplicada. Todavia, faço uso do termo *contracolonizar* como forma de enaltecer as considerações do pesquisador quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 36) ao relatar que o “contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender.”

Com isso, me questiono se é possível contracolonizar a língua proveniente da colonização e defronto-me com a perspectiva do sociólogo e pesquisador senegalês Khadim Ndiaye (2014) que diz sobre a presença da língua francesa em países cujos idiomas nacionais são também de origem latina, como a Romênia, Portugal e Itália; nesses países, o francês é visto como língua estrangeira, mesmo que não a possuam como língua oficial ou no cotidiano. Já em países africanos, onde as línguas nativas não possuem nenhuma relação linguístico-histórica com as línguas latinas, o francês não é considerado língua estrangeira. Afirma ainda que o francês é uma língua imposta pela colonização e que linguisticamente não possui “nenhum parentesco” estrutural com as línguas africanas e que deve ter o status de língua estrangeira. Ele afirma que “a francofonia é a prossecução, sob forma dulcificada, do projeto colonial de afirmação dos valores da civilização da França.” (Ndiaye, 2014)

Concordo com o posicionamento de Ndiaye (2014), porém, em contraposição, busco ainda os pensamentos de Nêgo Bispo (Santos, 2023) ao enxergar as línguas como aparelhos mutáveis de acordo com as comunidades onde estão inseridas e, assim, me inclino a dizer que é possível contracolonizar a “língua do colonizador”, a língua que já é nossa.

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?”. E respondi: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, [...] para a colonização, a contracolonização... e assim por diante. Ele entendeu esse jogo de palavras: “Você tem toda a razão! [...] E vamos botar palavras que os próprios eurocolonizadores não têm coragem de falar!”. Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. Enchem a língua como quem enche uma linguça. E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. (Santos, 2023, p. 3-4)

Como proposto durante a comunicação oral do Grupo de Trabalho 2 (Educação Linguística) que fiz parte no Encontro de Formação de Professores de Línguas (ENFOPLE), no lugar de *Francês Língua Estrangeira (FLE)*, faço uso de *Francês Língua Adicional (FLA)*, como forma de denominar uma língua não-primeira e evitar a sugestão de uma palavra que pode significar *estranho* ou *exótico*. Fazendo uso das considerações de Lôpo Ramos (2015, p. 252), o “conceito de língua adicional, longe de ser um ‘mero’ acréscimo, implica respeito à língua do outro, a trocas culturais, podendo ser um significativo componente construtor de espaços interculturais com outras línguas e suas culturas.”

Ao observar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nota-se que o único idioma previsto enquanto obrigatório a partir do 6º ano do Ensino Fundamental é a língua inglesa. Dessa maneira, estudantes da licenciatura em Letras Português-Francês da UFMG não realizam estágio de observação por não haver nenhuma escola de ensino básico da Região Metropolitana de Belo Horizonte que possua o francês no currículo escolar, reduzindo a experiência apenas à regência. Assim, faço uso de Arruda et al. (2022, p. 219) ao realizar um panorama histórico do ensino de francês no Brasil e dizer que “o ensino de línguas estrangeiras já foi bastante valorizado no Brasil. A ascensão de uma única língua com um espaço privilegiado na educação de base denuncia um verdadeiro desmoronamento do ensino plurilíngue.”

Na oficina, fiz uso da Lei 10.639/2003 em busca de reconhecer a necessidade de expandir novas posturas pedagógicas, novas possibilidades de formação crítica dos alunos em relação às questões étnico-raciais e multiculturais (Barbosa e Ferreira, 2018, p. 268). Segundo o Artigo 26-A da Lei 10.639/2003:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Brasil, 1996).

PRÁTICA DA ANÁLISE E ESTÁGIO DE FRANCÊS II

Para estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual na região central de Belo Horizonte — escola onde realizei os três anos da minha formação média —, propus a oficina *Francofonia Sul Global: valorização e contracolônização*. O estágio trouxe aulas de língua francesa de nível básico (A1) através de contextos culturais de países e regiões do Sul global em dez aulas extracurriculares durante o contraturno para estudantes que se inscreveram através de um formulário online. Infelizmente, muitos demonstraram interesse, porém, por já estarem inseridos no mercado de trabalho, nem todos puderam participar da formação.

A escola possuía uma sala com projetor e computador para serem utilizados, apesar da professora supervisora do meu estágio apresentar resistência ao uso da mesma com receio que algum equipamento fosse danificado, todas as aulas ocorreram nesse espaço. Ademais, enfrentei dificuldades em relação ao cronograma, pois os gestores da escola cancelaram duas aulas sem aviso prévio com a justificativa que a supervisora não estava na escola no momento, impedindo-me de completar as dez aulas como planejado. Além disso, fui questionado algumas vezes sobre a obrigatoriedade de realizar um estágio em língua francesa, dado que o currículo escolar apresenta apenas português e inglês como línguas obrigatórias.

Como dito anteriormente, os estudantes interessados e disponíveis para realizar a oficina no horário do almoço se inscreveram via formulário online. Ao total, foram recebidas 17 inscrições, mas apenas oito alunos eram mais frequentes nas aulas. Os alunos se mostraram empenhados em aprender o francês com argumentos sobre viajar ou fazer intercâmbio para a França ou Canadá — sendo apenas esses dois países francófonos de conhecimento da turma antes das aulas.

Na primeira aula, apresentei o cronograma em sala seguido pelos termos Francofonia (OIF) e francofonia. Além disso, debatemos os conceitos de Sul global, decolonial e contracolônial. Nenhum dos estudantes conhecia essas noções e foi interessante dialogar sobre ideias que me perpassam constantemente no Ensino Superior e que, provavelmente, eles irão se deparar no futuro também. Desde o princípio, deixei explícito que a oficina não tinha como principal objetivo formar falantes do francês por ter uma carga horária de apenas 15 horas. O foco das aulas foi apresentar visões de mundo diferentes daquelas impostas pela

colonialidade eurocêntrica a partir de uma sensibilização à língua francesa. Ainda neste primeiro encontro, mostrei aos estudantes alguns sons que existem no francês e que são diferentes do português por meio da música *Joana Francesa* de Chico Buarque, como os sons das palavras *tu, pleure, parfum, marée, peau e moi*⁴. Ademais, vimos os pronomes pessoais em francês como preparação para os estudos sobre conjugação verbal no presente do indicativo

Na segunda aula, estudamos os verbos *être, avoir e s'appeler*⁵. Os estudantes apresentaram dificuldades nas pronúncias de algumas palavras, no entanto, busquei estabelecer um ambiente descontraído para que eles não tivessem vergonha ao tentar falar e/ou errar. Em seguida, vimos as saudações em francês e, em todos os encontros seguintes, fizemos o uso desses cumprimentos e despedidas de maneira casual. Não curiosamente, a palavra mais utilizada foi *coucou*⁶ por trazer uma equivalência sonora com o português. Além disso, apresentei verbos no presente do indicativo do primeiro grupo — terminados em *-er* — e deixei uma lista de exercícios como tarefa de casa para que fossem observados padrões de conjugação. A última parte da aula, denominado como *momento cultural* e que aconteceu em aulas seguintes, foi para estudarmos contextos de países e regiões francófonas. Ali, vimos a Burkina Faso por meio de duas reportagens⁷ que foram discutidas em prol de fomentar o pensamento crítico dos alunos e que suscitaram a busca de novas informações, propiciando debates e compartilhamentos no grupo de *WhatsApp* que criei para turma.

Na terceira aula, corrigimos os exercícios verbais do primeiro grupo e utilizamos as expressões de saudações em duplas para praticar o uso da língua. Depois, estudamos as nacionalidades com foco em países do Sul global e as variações de gênero, como *congolais e congolaise, argentin e argentine, chinois e chinoise*⁸ etc. Passamos então para a apresentação dos verbos do segundo grupo — terminados em *-ir* — que, novamente, foram utilizados em

⁴ Tradução e fonemas: você [y], chora [œ], perfume [ã], maré [e], peau [o], meu [wa].

⁵ ser/estar, ter e se chamar.

⁶ Tradução: olá.

⁷ *Burkina Faso retira francês como língua oficial a decisão, liderada pelo capitão Ibrahim Traoré adota idiomas nacionais* do Digital Mídia Global TV em <https://www.facebook.com/groups/2243001862412100/posts/24533289782956656/> e *Burkina Faso aprova lei que proíbe homossexualidade e estabelece penas de prisão a infratores* do Estadão em https://www.estadao.com.br/internacional/burkina-faso-aprova-lei-proibe-homossexualidade-estabelece-penas-prisao-nprei/?srsltid=AfmBOoogx7_7U6oBq8VspN-ZJC-mZyZzM_dBXm7BeoxPjEpUuTbKVMIIs

⁸ Tradução: congolês e congolosa, argentino e argentina, chinês e chinesa.

exercícios de fixação no dever de casa. O momento cultural foi a partir de uma reportagem sobre o Marrocos⁹ e a relação com a língua francesa. Esse texto foi apresentado todo em francês, mostrando aos estudantes que é possível estabelecer vínculos com o português.

A quarta aula se iniciou com uma revisão dos verbos do segundo grupo e correção do dever de casa. Além disso, estudamos os artigos definidos e indefinidos em francês que foram utilizados em um exercício com frases simples. Uma reportagem sobre relações entre o Benim e a Bahia¹⁰ foi apresentado para a discussão do *momento cultural*, em que dialogamos sobre Salvador ser a cidade mais negra fora da África¹¹ e a afrodíspora. Por fim, foram distribuídos mapas do continente africano aos estudantes e os foi solicitado para sinalizar os países que eles conheciam. Em seguida, projetei todos os países e regiões francófonas em África.

No quinto encontro, estudamos os verbos irregulares do francês e, novamente, passei para os estudantes uma série de exercícios para serem feitos em casa. Ademais, vimos a construção de verbos na forma negativa e frases/palavras interrogativas como *qui, quoi, pourquoi, où, comment, quel, que e combien*¹². Durante o *momento cultural*, foi apresentada a *École des Sables*¹³, escola de dança senegalesa, como uma forma de aproximar os estudante à arte e cultura do Senegal, visto que, havia um estudante bailarino e uma estudante musicista. Assistimos um vídeo da escola com legendas e visitamos o site — todo em francês — onde lemos as informações em coletivo, havendo uma boa compreensão por parte da turma.

A sexta aula foi marcada pela presença da professora da UFMG coordenadora do estágio para avaliação da minha regência. Foi um encontro proveitoso, pois os estudantes puderam ouvi-la se apresentar brevemente em francês. Assim, corrigimos os verbos irregulares e passamos para uma parte prática: a escuta da música *Number One* da rapper Duquesa, em parceria com a cantora Leys, para uma atividade. A música, que possui trechos

⁹ *Maroc : Désamour de la langue française, mythe ou réalité ?* — Marrocos: Desamor da língua francesa, mito ou realidade? — do TRT Français em <https://www.trtfrancais.com/article/17223042>

¹⁰ *'A Bahia é um pouco do Benin e o Benin é a Bahia', diz presidente do país africano em Salvador* do Alô Alô Bahia em <https://aloalobahia.com/noticias/2024/05/25/a-bahia-e-um-pouco-do-benin-e-o-benin-e-a-bahia-diz-presidente-d-o-pais-africano-em-salvador/>

¹¹ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio Contínua (PNAD Contínua, 2017), em Salvador, os negros (pretos e pardos) somavam 2,425 milhões, ou 82,1% das 2.954 milhões de pessoas que lá vivem. No Brasil, a média de negros é de 54%.

¹² Tradução: quem, o quê, por que, onde, como, qual, que e quanto.

¹³ Tradução: Escola de Areia

em português, francês e inglês, foi utilizada para solicitar aos estudantes que escrevessem a continuação de seus versos fazendo uso de quaisquer idiomas. Foi um momento interessante e descontraído de criação artística em que muitos se arriscaram na pronúncia do francês. A música possuía algumas palavras em *verlan*¹⁴, suscitando a apresentação histórica e social desse fenômeno linguístico e a realização de um exercício de escrita de palavras invertidas — no idioma que os estudantes preferissem — para serem adivinhadas no final da aula.

Na sétima aula, assistimos ao filmedança *NOIRBLEU - les déplacements d'une danse*¹⁵ da artista brasileira Ana Pi. O audiovisual ocasionou em uma conversa sobre afrodiaspora, desigualdades raciais, internacionalização, arte contemporânea, geografia do continente africano e línguas nativas da África. Os estudantes se mostraram muito contentes ao assistir ao filme e a discussão foi muito produtiva. Pelo filme apresentar essa estética com a cores preta e azul, estudamos as cores em francês logo em seguida. Com o vocabulário de cores, os estudantes tiveram que escrever frases — fazendo uso de conteúdos que já estudamos, como, artigos, verbo ser em francês e cores — e lê-las oralmente para a turma.

Já na oitava e última aula, demandei aos estudantes se eles possuíam dúvidas sobre algum conteúdo que havíamos estudado, mas não surgiram questões pontuais. Eles apontaram algumas curiosidades sobre minha mobilidade acadêmica na Suíça e busquei narrar alguns eventos que me passaram de modo a relembrar hooks (2017, p. 35) no que concerne à aproximação entre aluno e docente ao dizer que “quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos produtivo [...]”. Para nosso último *momento cultural*, apresentei uma reportagem em francês sobre a diferença entre Congo-Brazzaville e Congo-Kinshasa¹⁶, pudemos lê-la coletivamente e sanamos questões ao longo da leitura. Como finalização, fizemos um lanche coletivo em que cada um contribuiu com o alimento que poderia levar.

¹⁴ *Verlan* é uma forma de gíria que surgiu na francesa e se difundiu nas periferias francesas. O termo *verlan* significa *envers* — inverso — e acontece quando são alteradas as sílabas de uma palavra, como *femme* > *meuf* (mulher). Documento pedagógico utilizado em:

https://www.slff.ch/wp-content/uploads/2024/02/slff_2024DP_le-verlan_V02_ciip.pdf

¹⁵ Tradução: PRETOAZUL: deslocamento de uma dança. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VaoGxLM0F4E>

¹⁶ *Pourquoi deux pays africains s'appellent-ils le Congo ?* — Por que dois países africanos se chamam Congo? — do TRT Afrika em <https://www.trtafrika.com/francais/article/17108727>

Como dito anteriormente, não foi possível completar as dez aulas previstas, pois a escola cancelou dois encontros sem me comunicar previamente. Por isso, diversos conteúdos associados à língua francesa previstos no plano de ensino não puderam ser aplicados e ficamos reduzidos apenas ao continente africano. No que concerne à francofonia, países e regiões fora da África não foram trabalhados, como os DROM-COMs¹⁷, Antilhas, povos indígenas da Guiana Francesa etc.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Como visto, a oficina *Francofonia Sul Global: valorização e contracolônização* não pôde ser completamente concluída como previsto no plano de aulas por conta de problemas de comunicação interna com a escola. No entanto, é possível afirmar que a proposta de trazer aos estudantes uma sensibilização à língua francesa por meio de conteúdos contracoloniais foi cumprida. Felizmente, os estudantes receberam bem os conteúdos apresentados e não ocorreram falas de cunho racista e intolerante, nem indagações das famílias sobre as temáticas propostas.

A experiência de regência proporcionada pela disciplina da UFMG foi extremamente benéfica para minha formação enquanto professor de línguas, despertando o interesse por culturas e variações linguísticas referentes à francofonia. Em suma, me deparei com conceitos e estudos favoráveis para consolidação deste trabalho, cumprindo os objetivos pré-estabelecidos: valorizar o Sul global, contracolônizar o ensino do francês, optar pelo termo *Francês Língua Adicional* e observar o lugar marginalizado ocupado pelo francês na educação básica brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Larissa de Souza et al. **A BNCC e o desaparecimento da língua francesa na educação básica brasileira**. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. Especial, p. 217-242, nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8111044>
- BARBOSA, Lúcia Maria Assunção; FERREIRA, Jane Margareth. **Francofonia e ensino-aprendizagem de língua estrangeira (francês) à luz da Lei 10.639/2003**. *Revista da ABPN*, v. 10, Ed. Especial - *Caderno Temático: Letramentos de Reexistência*, janeiro de

¹⁷ Départements, régions et collectivités d’Outre-mer — Departamentos, regiões e coletividades ultramarinas

2018, p.262-286.

BRASIL. Lei no 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. *Diário oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LEITE, Lúcia Pereira; PERINOTTO, Simone. **O pesquisador enquanto mediador na construção do conhecimento do professor**. *Revista Educação em Questão*, v. 37, n. 23, p. 99-120, 2010.

LÔPO RAMOS, Ana Adelina (2021). **Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”**. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 13(01), 233–267. <https://doi.org/10.26512/rbla.v13i01.37207>. Acesso em 07/11/2025.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. **Decolonialidade e currículo: repensando práticas em espanhol**. In: MENDONÇA E SILVA, Cleidimar Aparecida (Org.). *América latina e língua espanhola: discussões decoloniais*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 93-115.

MOURÃO, M. L. S.; ALMEIDA, J. S.; SANTOS, M. C. S. **Do lúdico ao intercultural: uma proposta de aprendizagem da língua francesa por meio da interculturalidade**. *Revista Dialogos: a cultura como dispositivo de inclusão*, Brasília, v.13, n.1, p. 63-68, ago. 2010.

NDIAYE, KHADIM. **O francês, a francofonia e nós**. In: Buala. Trad. Maria José Cartaxo. Lisboa – Portugal. (2014). Disponível em <https://www.buala.org/pt/a-ler/o-frances-a-francofonia-e-nos> Acesso em 26/11/2025.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: Piseagrama, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010, p. 637.

TÉTU, Michel. **Qu’est-ce que la francophonie ?** Vanves: Hachette-Edicef, 1997.

<https://www.facebook.com/groups/2243001862412100/posts/24533289782956656/> Acesso em 15/09/2025.

https://www.estadao.com.br/internacional/burkina-faso-aprova-lei-proibe-homossexualidade-estabelece-penas-prisao-nprei/?srsltid=AfmBOogx7_7U6oBq8VspN-ZJC-mZyZzM_dBXm7BeoxPjEpUuTbKVMI Acesso em 15/09/2025.

<https://www.trtfrancais.com/article/17223042> Acesso em 20/09/2025.

<https://aloalobahia.com/noticias/2024/05/25/a-bahia-e-um-pouco-do-benin-e-o-benin-e-a-bahia-diz-presidente-do-pais-africano-em-salvador/> Acesso em 27/09/2025.

https://www.slff.ch/wp-content/uploads/2024/02/slff_2024DP_le-verlan_V02_ciip.pdf
Acesso em 10/10/2025.

<https://www.youtube.com/watch?v=VaoGxLM0F4E> Acesso em 25/10/2025.

<https://www.trtafrika.com/francais/article/17108727> Acesso em 01/11/2025.